

O riso e a carranca

MUNIZ SODRÉ *

Num dos momentos mais duros do regime militar, quando baioneta era o significante-mór do discurso oficial, deu-se em Brasília uma cerimônia de recepção a americanos muito importantes. Era ao ar livre, ventava muito naquele dia, e a bandeira nacional, hasteada, dobrava-se às vezes de tal maneira que, em vez de "Ordem e Progresso", lia-se "Ordem Pro Esso". Um estudo de teoria da comunicação viu nessa "figuração" a possibilidade de uma semiótica do aleatório, das significações construídas ao acaso dentro de um contexto demarcado — algo à maneira do que o francês Lyotard sugeriu com suas "Figuras".

Figurações desse gênero, exemplo de uma "ironia objetiva" do mundo, surgem esparsamente na mídia. É possível "lê-las" como sintomas do mal-estar ético latente em determinada conjuntura política-social. É o caso das imagens mediáticas em que o presidente da República aparece rindo, quando a situação exigiria formalmente outra "aparência".

São cenas em que o acaso intervém. Assim: o assunto é a morte do índio pataxó, mas a câmara de tevê fixa o rosto do presidente no ápice de uma risada. Evidentemente, trata-se do prólogo ou do intervalo da reunião em que se falava do evento grave. A questão é que figurações idênticas são muito freqüentes com o primeiro mandatário.

O presidente ri muito, na verdade, e até aí tudo bem. Alguns homens de Estado passam às imagens com um riso marcante (Getúlio com sua sonoridade, Churchill com o meio-sorriso de encorajamento, Reagan como forma de compensar a falta de identidade política).

Em Fernando Henrique, o riso parece às vezes refletir um espírito de auto-complacência, uma auto-satisfação intelectual, a mesma que presidiria à frase sherlockiana "elementar, meu caro Watson". O mundo, o Brasil soam transparentes à lógica globalista do sociólogo-presidente. Outras vezes, impõe-se o riso sarcástico do cidadão-presidente, disposto a escarnecer da oposição, dos "neo-bobos", caipiras.

Compreensível, portanto, que em meio a esse estado de espírito constante, possam aparecer as tais figurações aleatórias, suscetíveis de serem "lidas" como sintomas de um certo desacerto ético. Trata-se mesmo de um mal-estar,

causado pela distância entre a situação e o gesto, uma espécie de "mal agir" (e aí se encontra a negatividade que vai fundar o juízo ético) na atitude pública. Uma interpretação mais larga poderia concluir pelo espelhamento da arrogância de todo um grupo no poder, assim como as dobras da bandeira ao vento "espelhavam" a verdadeira natureza do mando.

Isto tudo vem a propósito do último pronunciamento longo do presidente da República, em que ele faz alusões ao poder maior das baionetas, o mesmo que indica uma suspensão da risada. A outra cara do riso arrogante é a carranca: é quando o riso vira rictus, esgar. O entojo ético continua o mesmo, mas pelo menos já se pode botar, politicamente, as barbas de molho.

Ainda devem estar frescas nas memórias de alguns jornalistas, em geral diretores ou chefes de redação, as vezes em que, já no ocaso do regime militar, os jornais eram visitados por profissionais de relações-públicas do oficialato para pedir uma ou outra coisa. Mostravam-se corteses e insinuavam críticas aos exageros da linha-dura, pontuando sempre: "Eles são a carranca; nós, o sorriso". Para os jornalistas, ficava claro que um e outro eram as duas faces de uma mesma moeda e cada uma se manifestaria ao bel-prazer da arrogância poderosa.

Algo dessa ordem reprisa-se em certos instantes do regime atual. Ao menor sinal de oposição verdadeira, diante das evidências de uma crise de governabilidade gerada pelos próprios componentes do grupo no poder, as ameaças reaparecem, e de forma rebarbativa. Daí, o imperativo das barbas de molho. Só que esta precaução vale para todos, inclusive para os donos da ameaça: feito de baionetas, o trono termina espetando o príncipe.

Ao menor sinal de oposição verdadeira, as ameaças reaparecem, e de forma rebarbativa